



**HAL**  
open science

## **”Sorriso Vivo” : no corração da soy-belt brasileira.**

Vincent Dubreuil, Nathan Debortoli, Q’Enty Delgado, Mathilde Borowiack,  
Damien Arvor

### **► To cite this version:**

Vincent Dubreuil, Nathan Debortoli, Q’Enty Delgado, Mathilde Borowiack, Damien Arvor. ”Sorriso Vivo” : no corração da soy-belt brasileira.. F.M.Le Tourneau & O. do Canto. *Amazônias brasileiras: situações locais e evoluções*, 1, NUMA-UFPA, pp.165-182, 2019. halshs-02349860

**HAL Id: halshs-02349860**

**<https://shs.hal.science/halshs-02349860v1>**

Submitted on 11 Nov 2019

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L’archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d’enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## **"SORRISO VIVO": NO CORAÇÃO DA SOY-BELT BRASILEIRA**

V. Dubreuil  
N. Debortoli  
Q. Delgado  
M. Borowiack  
D. Arvor

A localidade de Sorriso foi mantida para a segunda fase do projeto DURAMAZ por inúmeras razões. Primeiramente porque se trata de um caso exemplar de transformação da floresta amazônica em região de monocultura intensiva da soja, cuja produção é destinada aos mercados internacionais. Sorriso é o maior produtor do grão no Brasil e está localizado no coração de um cinturão de cultura da soja que se estende do Sudeste de Rondônia até o Oeste da Bahia. Em resposta à crise que assolou a região na metade dos anos 2000, colocando em xeque o modelo de desenvolvimento predador do meio ambiente (produtividade, doenças em plantas e adversidades climáticas), alguns produtores reavaliaram seu sistema de produção adotando novas práticas agroecológicas. Nesse sentido, os primeiros trabalhos levados a cabo na primeira fase do projeto DURAMAZ demonstraram o interesse dos agricultores no projeto Sorriso Vivo (ARVOR, 2009) que preconizava as seguintes ações: semeadura direta, a integração pecuária-lavoura, a recuperação de áreas degradadas e beiras de rios, bem como a educação ambiental. Essas práticas rapidamente se espalharam na região de produção da soja no centro do Mato Grosso. Os trabalhos pioneiros, dos anos 2000, nos municípios de Sorriso e Lucas do Rio Verde tornaram-se moeda corrente, ao ponto que a legislação atual de certificação ambiental das propriedades capturou uma boa parte de suas ideias a partir do projeto.

Entretanto, a região não se tornou um modelo de valorização ecológica e de sustentabilidade do sistema de produção, o qual ainda levanta questões

(FEARNSIDE, 2001). Sorriso é um dos municípios mais desmatados do Mato Grosso e mesmo que o desmatamento tenha diminuído consideravelmente há 15 anos, isso se deve primeiramente à ausência de novas terras a serem desmatadas e o encerramento da fronteira nessa região. Os motores do crescimento e desenvolvimento na região permanecem, contudo, guiados por motivações econômicas: produzir e vender aos melhores preços; a estratégia dos produtores. Mas em um espaço mais restrito (e supervisionado) a estratégia evoluiu, buscando desenvolver e capitalizar as propriedades sem necessariamente procurar por novas terras a serem desmatadas. A intensificação agrícola com o sistema de dupla safra (safra-safrinha) se tornou então a regra geral. A transformação da região, nesse sentido, se deu a partir de uma lógica interna na qual a preservação do capital da produção (a terra) deve respeitar os princípios elementares de proteção dos solos e das águas. Nesse contexto, os processos de transmissão do capital familiar entre gerações se demonstram um motor poderoso.

Consequentemente, entender essa evolução é o objetivo desse estudo, porque as contradições entre o desenvolvimento econômico e as exigências ambientais permanecem numerosas. Essas evoluções se integram igualmente no contexto mais geral das mudanças globais (clima) e sua percepção pelas comunidades. Muito além disso, as mudanças de gerações e modos de vida suscitam perguntas de como os jovens percebem sua relação com o espaço de produção (rural), em localidades cujo crescimento e dinamismo hoje oferecem todos atrativos das regiões ao sul do Brasil. Por fim, as lógicas institucionais e as diferentes estratégias dos atores permitem colocar em perspectiva os cenários de evolução futura da região, entre a integração vertical e a exportação de um modelo de valorização em outras regiões tropicais.

### **O município de Sorriso: sua história, contexto e protocolo de análise**

#### ▪ Emergência e crise da fronteira agrícola

O desenvolvimento do município de Sorriso é típico do sistema de colonização efetuado no Estado do Mato Grosso, a partir da década de 1970 (DUBREUIL, 2005). Depois de algumas incursões tímidas, o desenvolvimento

se inicia com o Plano de Integração Nacional (PIN) e a abertura da rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém). Paralelamente, milhões de hectares são cedidos às sociedades colonizadoras do Sul do Brasil. Uma entre elas, a colonizadora Feliz, leva a cabo seu projeto um pouco depois da ponte sobre o rio Teles-Pires. Uma vila é fundada em 1975 que se tornaria distrito (1980) e, por fim, o município de Sorriso (1986), a partir do segundo nome da sociedade renomeada no início dos anos 1980. O projeto baseado na exploração agrícola e, principalmente, na produção do arroz atrai diversos colonos do sul. A cultura da soja, já praticada por alguns agricultores do sul, vai rapidamente substituindo a do arroz por inúmeros motivos: a forte demanda nacional e internacional; o investimento de centros de pesquisa brasileiros na adaptação dos solos e do clima da região; e a chegada de inúmeros investimentos privados que veem na região um potencial importante de terras disponíveis a serem valorizadas por um custo baixo (BERTRAND, 2004). Em menos de 20 anos, as superfícies cultivadas com soja foram multiplicadas por seis (100.000 hectares, em 1987; e depois mais de 600.000, em 2005), até que o milho se instala como cultura intermediária, servindo essencialmente de cobertura para proteger o solo no fim da estação das chuvas.

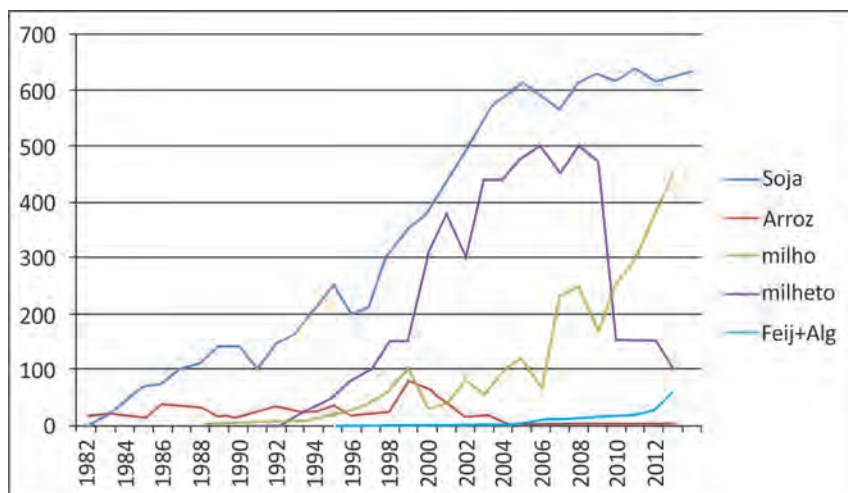


Gráfico 1: Superfícies cultivadas (milhares de hectares).

Fonte: IBGE, 2014.

É nesse contexto que surge a crise dos anos 2005 a 2007 marcada por uma estagnação ou mesmo uma baixa da produção da superfície e dos rendimentos da soja. As razões são múltiplas, ligadas primeiramente à: perda de rentabilidade dos campos a partir da taxa de conversão do dólar para o real, que aumenta o custo do transporte e combustível na rota para os portos do Sul; e razões ligadas a fatores “naturais”, como a forte precipitação que estraga as colheitas e favorece a dispersão da ferrugem asiática. Por fim, alguns países europeus começam a controlar a procedência de seus importadores de soja, então apresentado como um fator importante do desmatamento na Amazônia (GIBBS et al., 2015). O “modelo” de desenvolvimento baseado na monocultura intensiva acompanha uma forte pressão sobre o meio ambiente (MORTON et al., 2006), sendo desacreditado fortemente ao nível internacional, nacional e também local. É nesse contexto que os projetos ambientais tomam preeminência na região, motivo pelo qual Sorriso é escolhido e entra como estudo de caso no Projeto DURAMAZ.

▪ Principais ensinamentos do DURAMAZ 1 e a escolha do local DURAMAZ 2

No princípio dos anos 2000, Sorriso é um município em pleno crescimento de um ponto de vista socioeconômico com a expansão da soja, mas com um passivo ambiental importante. Consciente da situação, um grupo de pessoas da comunidade decidiu, em 2002, criar uma associação local (atrelada a uma rede nacional): o Clube dos Amigos da Terra (CAT), afim de sensibilizar a comunidade em relação aos problemas ambientais locais. Em 2005, um novo projeto é lançado no seio do CAT: o projeto Sorriso Vivo, alavancado por um agrônomo e redigido por dois jornalistas da comunidade (ARVOR, 2009). O projeto intitula-se: “Conscientização da sociedade e disseminação de práticas de conservação do solo, água, flora e fauna de Sorriso”. Os três eixos principais do projeto são: educação ambiental nas escolas; novas tecnologias (notadamente a prática de plantio direto e a integração lavoura-pecuária); e a recuperação de APPs.

No contexto do projeto DURAMAZ 1, o estudo foi centrado na fazenda piloto do projeto, cujo proprietário foi também presidente do CAT e um dos iniciadores do projeto Sorriso Vivo. De fato, a fazenda (13.000 hectares cujo 8.000 de cultura) serviu de vitrine para o projeto e as ações levadas a cabo nesse espaço se tornaram rapidamente uma escola/exemplo. Mesmo em uma localidade de produção intensiva, as taxas de desmatamento na região (e notavelmente na fazenda piloto) permanecerem menores que nas regiões da pequena agricultura familiar. Entre os pontos fortes do projeto, observa-se em 2007 um aumento do número de associados operando. Além disso, o CAT conseguiu criar um espaço de diálogo local e de escolha de rede de cooperação local, reunindo em torno do mesmo projeto instituições e pessoas com interesses distintos em sua origem (bombeiros, polícia, escolas, produtores, empresas privadas e diferentes secretarias da prefeitura).

Entre os pontos fracos do projeto, as pesquisas mostram uma realidade em que poucos produtores se sentiam realmente envolvidos ou preocupados. Em 2007, poucos reflorestaram e a maior parte manteve um sistema de produção tradicional. Alguns produtores participaram do projeto com uma visão mais política, sem realmente se interessar às práticas ambientais, como testemunha sua presença escassa (por conta da desconfiança) nas reuniões de sensibilização dos problemas ambientais da região. Quanto aos empregados da fazenda, eles eram pouco informados do projeto e pareciam pouco preocupados com as questões ambientais, sem mesmo jamais ter ouvido falar de desenvolvimento sustentável. A última incerteza sobre o projeto relacionava-se à sua viabilidade financeira; a associação dispunha de poucos recursos e todos esforços realizados para obter o apoio de instituições locais, estaduais ou nacionais fracassaram.

Esse balanço do DURAMAZ 1 (LE TOURNEAU et al., 2013) demonstra o interesse que havia para investigar novamente esse sítio, sete anos depois. Algumas modificações, depois da primeira experiência, no entanto, tiveram que ser feitas, em particular, para torná-lo mais compatível com outros sítios de estudo. Assim, DURAMAZ 2 sendo menos interessado no projeto-

piloto na Fazenda, o estudo foi modificando-se para todas as propriedades desse território. DURAMAZ 2 foi conduzido em um diferente espaço de amostragem, concentrando-se na parte norte do município (seja 2.085 km<sup>2</sup>). Além das razões logísticas (o município de Sorriso abrange mais de 9000 quilômetros quadrados e várias centenas de fazendas); uma melhor coerência espacial é esperada no cálculo dos indicadores. A escolha também permite trabalhar em uma região mais próxima do bioma Amazônia e desenvolvida mais recentemente do que o resto do município: por exemplo, as taxas de desmatamento mantiveram-se elevada até a década de 2000 seguida por uma relativa estabilidade desde 2007.

▪ Metodologia e trabalho de campo

A missão do trabalho de campo de Sorriso se desenvolveu em dois tempos, por conta da abrangência da área de estudo (quase 80 quilômetros de norte a sul).

✓ Uma primeira missão se deu durante o mês de julho de 2013, com três pessoas: um pesquisador francês, um doutorando brasileiro e uma estudante de graduação em geografia da Universidade de Rennes 2. Durante essa primeira fase, a equipe teve como base o município de Sorriso, desenvolvendo entrevistas institucionais e no campo nas fazendas ao sul da região do estudo (centro-oeste do município de Sorriso);

✓ Uma segunda missão de duas semanas se desenvolveu em 2014 com duas pessoas de Rennes 2. Situada à Sinop, dessa vez, a missão entrevistou as fazendas da parte norte da região de estudo. O propósito foi ver com maior detalhe as relações cidade-campo no município de Sorriso, em sua parte fronteira com o município de Sinop.

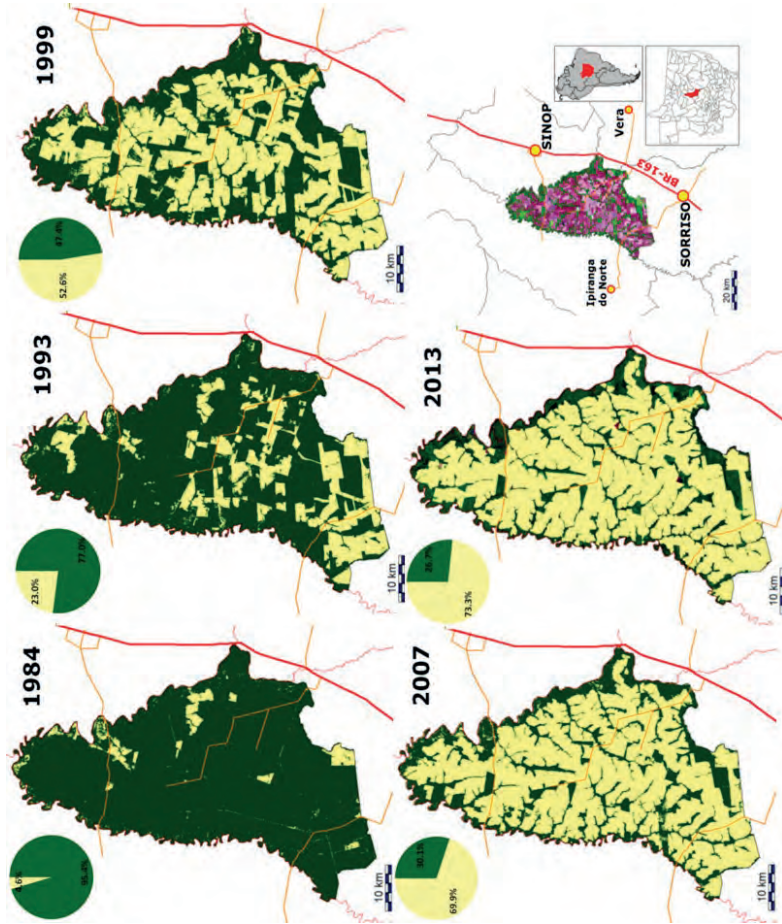


Figura 1: Evolução do desmatamento ao norte e na comunidade de Sorriso.

Fonte: Tratamento realizado a partir da classificação de imagens do satélite Landsat. Floresta em verde, superfícies desmatadas em amarelo. Projeto DURAMAZ, 2015.



Nenhum incidente maior ocorreu ao ponto de ser assinalado durante essas duas missões. As principais dificuldades foram logísticas (grandes distâncias a serem percorridas com veículos alugados) e dificuldades de encontrar ou acessar informações com os proprietários. Na verdade, a maior parte dos produtores vivendo nas cidades dispõem de um escritório onde os encontros são “filtrados” por secretário (a)s; responder a um questionário de pesquisadores não é em primeira instância uma prioridade para eles, a ver pelo número importante de visitas infrutuosas. Ademais, nas propriedades, os empregados ou mesmo alguns gerentes se recusam a dar informações se o patrão não está presente ou de acordo. No fim das contas, apenas uma refuta categórica de responder ocorreu em 2014. Contudo, globalmente, a acolhida foi sempre receptiva, uma certa distância (por não dizer fria) se instala quando questões ambientais são abordadas. Sobre as condições de vida ou aspectos sociais, o discurso é igualmente preparado ou pronto. Das respostas, a mais característica é representada pela evolução climática, onde muitos produtores estimam que o clima mudou ao ponto de afetar suas produções, mas, quando a questão lhes é diretamente feita, eles supõem que imediatamente faremos a associação com o desmatamento e, a partir daí a resposta mais frequente é de que nada mudou. Algumas raras recusas de responder algumas questões devem ser evidenciadas, estas estão sempre relacionadas à renda e à superfície real das propriedades (com um grande fluxo no que é propriedade ou arrendamento). Por fim, as respostas dadas sobre a renda são irreais e, manifestadamente, subestimadas.

60 questionários individuais e 54 sobre moradias constituem a base de dados, entre 2013 e 2014. Os entrevistados tinham uma idade média de 42 anos e são, em sua maioria, homens (83%): 16 são proprietários (fazendeiros), 20 gerentes de fazenda, 20 empregados e apenas 3 donas de casa. 6 dos questionários individuais são comuns com a base de dados do DURAMAZ 1, de 2007. A proporção de jovens ativos (de 20 a 44 anos) é representativa da população dessas regiões de *agrobusiness*. As propriedades visitadas são grandes (4 com mais de 10.000 hectares e 10 de 4 a 8.000 hectares) com uma média de 4.000 hectares. A origem geográfica das pessoas, sem sombra de dúvida, vem do Sul: 27% do Paraná, 18% de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Os mato-grossenses (MT+MS) representam somente 20% dos pesquisados.

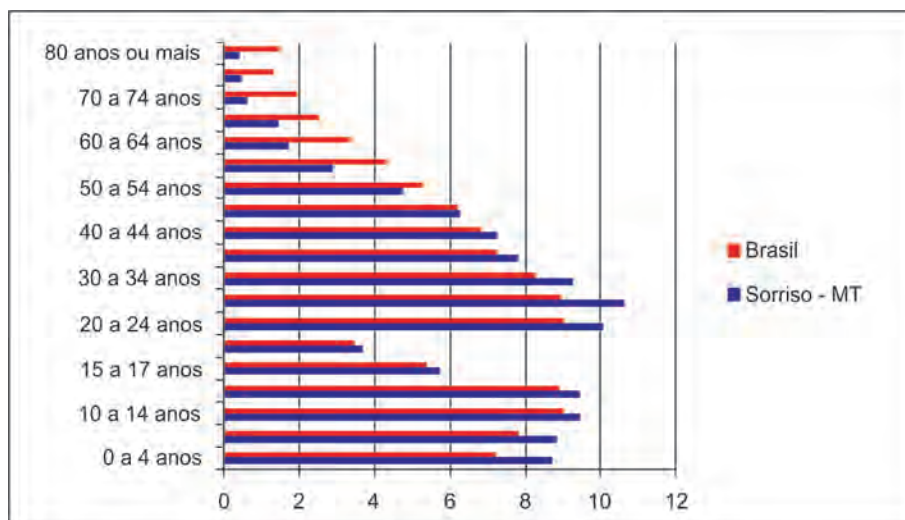


Gráfico 2: Pirâmide de idades (em % da população total) comparada entre o município de Sorriso e o total do Brasil.

Fonte: IBGE, 2010.

### ▪ A predominância do modelo liberal baseado na exportação de *commodities*

A crise da metade dos anos 2000 já parece ser uma história antiga na qual a expansão econômica do município logrou superar. Entretanto, inúmeras evoluções demonstram o encerramento da fronteira e a passagem rápida para um modelo de produção intensiva polarizado ao redor de outros municípios.

Na parte norte de Sorriso, o desmatamento terminou devido à falta de novas terras para desmatar. Apenas subsistem algumas (raras) reservas de florestas particulares, as grandes florestas de várzeas do Teles-Pires e do Rio Verde, assim como as florestas de declive acentuado protegidas pelo sistema de APPs (DUBREUIL et al., 2008). Poderíamos ler, nessa evolução, a simples impossibilidade de desmatar em uma região (quase) totalmente desmatada; contudo, convém assinalar que mesmo nos municípios vizinhos cuja cobertura de floresta ainda é importante (e mais geralmente em todo

Mato Grosso), as taxas de desmatamento caíram consideravelmente, apesar de um leve aumento no início de 2015. A produção de arroz, planta pioneira depois do desmatamento, quase desapareceu totalmente ao ponto de muitos proprietários nos confessarem: “acho que não há mais ninguém que tenha uma máquina para bater o arroz no município”.

A região é, portanto, um espaço aberto e finito de produção agrícola comparável a outras grandes regiões do mundo fornecedoras do mercado internacional de *commodities*. A cultura de referência permaneceu sendo a soja, porque a demanda mundial é forte e os preços pagos aos produtores se tornaram atrativos durante os últimos anos (entre 50 e 60 reais a saca de 60 quilogramas). O sistema de produção foi quase totalmente convertido ao sistema semidireto, que representa praticamente mais de 80% das superfícies. A segunda cultura mais praticada (safrinha) não é mais o milheto, mas o milho (ARVOR et al., 2012). O Gráfico 1 mostra claramente como o milho rapidamente tomou o lugar do milheto na segunda metade dos anos 2000, ao ponto de fazer o Mato Grosso o maior produtor de milho do país. Contudo, a conjuntura de preços favoráveis para essa cultura, até 2012, parece entrar em caminho reverso com o preço da saca passando de 25 para 15 reais, em média. Assim, as entrevistas de 2013 e 2014 mostram que os produtores buscam outras alternativas de culturas mais interessantes, como por exemplo (SPERA et al., 2014): a expansão do algodão, do feijão, e mesmo, o crescimento de uma segunda colheita de soja por alguns produtores. Para grande parte deles, o nível do preço na bolsa de Chicago determina e orienta com meses de antecedência a escolha definitiva da cultura. O modelo de produção liberal funciona plenamente, permitindo aos proprietários e às sociedades multinacionais realizar importantes benefícios, uma parte em reinvestimentos na modernização da exploração, à pesquisa de fontes de diversificação da produção e o lucro. A crise de 2006-2007 parece ter dotado os produtores de maior consciência dos limites do modelo de monocultura da soja.

Essa evolução se liga igualmente ao desenvolvimento do conjunto da filial agroindustrial com a instalação da criação da pecuária intensiva com

gado, avicultura e suinocultura, por meio de abatedouros que se aproveitam dos confinamentos (*feed-lots*) do município. Essa organização se apoia em uma logística de estocagem (armazéns) e na exportação bem ensaiada, na qual a maioria dos atores impõem limites atuais, a saber: o melhoramento da BR-163, a duplicação das faixas (iniciando em Nobres) e o asfaltamento até Santarém (bem avançado atualmente até Novo Progresso no Pará) são reivindicações permanentes. Em 2014, a BR-163 foi cedida em parte à sociedade privada, sobre o modelo de concessão já existente como no Estado de São Paulo, por exemplo. Essa evolução seguiu-se prontamente ao sistema de consórcio, no qual o Estado do Mato Grosso desenvolveu com produtores de soja, a partir do asfaltamento da rede de estradas perpendiculares à BR-163 que são, todavia, estradas privadas e com pedágio.



Figura 2: Confinamento, à esquerda, e armazenagem mecanizada do algodão-safrinha, à direita, na região de Sorriso (fotomontagem).

Fonte: Dubreuil, julho de 2013.

Esse território é, portanto, um território de produção integrado aos mercados internacionais, no qual o otimismo atual dos atores e dos habitantes refletem na saúde da economia; para 87% dos entrevistados, durante os últimos cinco anos, a renda aumentou, e para 81% deles, as condições de vida melhoraram globalmente. Nesse sistema, os principais atores são os proprietários organizados em sindicatos e associações, os grandes grupos de grandes fazendas e as multinacionais. As produções são planejadas e vendidas com quase um ano de antecedência (pela metade geralmente) e são chamadas

de pacotes, sendo que a moeda de troca é normalmente o saco de soja e não o real. As instituições públicas acompanham e se apoiam no mercado dessa atividade, sobretudo em Sorriso, cuja prefeitura bem como a Secretaria de Agricultura estão entre os maiores produtores do município. O papel das ONGs (numerosas e ativas) parece limitado a uma grande desconfiança dos produtores, sendo o contrário também verdadeiro. O exemplo de estudo de caso da fazenda de Santa Maria (e qualquer outra que se tornou parceira com as ONGs) é raramente reproduzido. Nesse contexto, cujo pilar do desenvolvimento é claramente econômico, podemos nos perguntar sobre os outros aspectos da sustentabilidade.

### **“Sorriso Vivo”: no coração da *soy-belt* brasileira!**

Podemos imaginar que a força econômica observada entre o período da pesquisa de DURAMAZ 1 e DURAMAZ 2 foi pouco favorável ao meio ambiente. Entretanto, para uma maioria (63%) das pessoas entrevistadas, a situação ambiental é melhor atualmente em comparação com o passado. Quando perguntamos que nos expliquem essa visão, o primeiro fator citado é de que não existem mais queimadas. Vemos então toda a ambiguidade da resposta, porque, se não há mais fogo em Sorriso, é porque simplesmente não há mais floresta para queimar.

Em um registro comparativo, as opiniões são compartilhadas e contrastadas sobre a questão da percepção da mudança do clima. Espontaneamente, e mais frequentemente, as respostas vão no sentido de um clima mais quente e de chuvas irregulares. Alguns (normalmente os mais velhos, sem atividade direta com a produção) fazem claramente o elo entre o desmatamento, o aumento do calor e a redução das chuvas (e, por vezes, citam o aumento maior das águas em relação ao nível dos rios). Mas é a variabilidade das chuvas que parece ser mais preocupante, pois ela importuna no momento da colheita e no momento da exportação da produção. Esse foi o caso de janeiro de 2014, onde muitos produtores tiveram rendimentos decrescentes de 10 a 20% em relação aos anos precedentes. Outros citam

inclusive um ciclo de 10 anos, os anos com quatro (1994, 2004 e 2014), anos de fortes chuvas. Sobre mudanças em médio prazo, os produtores ativos têm um discurso chave em mãos: não existe mudança e muito menos mudança relacionada ao desmatamento. Essa atitude de desconfiança em relação aos resultados científicos difundidos pelas ONGs, criaram um viés nos resultados nessa parte do questionário nas entrevistas de campo. Entretanto, a redução da estação das chuvas já foi observada por diversos estudos e, por natureza, comprometerá a segunda colheita (BUTT et al., 2011; FU et al., 2013; ARVOR, 2014; DEBORTOLI et al., 2015). Perguntados sobre essa questão, a resposta dos produtores é frequentemente relacionada ao recurso possível (e, segundo eles, fácil): a irrigação; quer dizer, uma outra forma de solicitar recursos do ambiente.

Para os produtores, a situação não é catastrófica para o meio ambiente; para muitos, a percepção da melhora se deu pela recente aplicação da legislação ambiental, incluindo o novo código florestal (ARIMA et al., 2014; BÖRNER et al., 2014; NEPSTAD et al., 2014). Desse ponto de vista, as ações levadas a cabo dentro do quadro do projeto “Sorriso Vivo” foram pioneiras e são amplamente consideradas pertinentes como estratégias de boas práticas atuais, como no caso do plantio direto, visto anteriormente (SCOPEL et al., 2005), e que atualmente é generalizado. São também notórias as ações de reflorestamento e de recuperação das APPs degradadas: assim, o novo sistema do CAR obriga a que todos os proprietários rurais estejam em conformidade com as regras ambientais. Por fim, a educação ambiental também foi introduzida e é seguida nas escolas do município. A fazenda piloto de Santa Maria continua a ser visitada. De forma paradoxal, o conjunto de ações desenvolvidas pelo projeto estão se difundindo, mas o projeto como conceito parece decrescer em ritmo: nenhum proprietário nos falou diretamente sobre o projeto, e o CAT trabalha, desde 2013, com outras questões: as condições de vida das mulheres ou a reciclagem de rejeitos na região.

Finalmente, a preocupação ambiental não está totalmente ausente nos produtores. Ela transparece na vontade de preservar um capital de produção (a transmitir para os seus filhos), respeitando as leis que eles julgam razoáveis

em relação à situação passada. O discurso é muito mais crítico em relação às instituições como o IBAMA ou a SEMA, julgadas burocráticas e antiliberais. No seio de alguns produtores, podemos nos perguntar se o bom reflexo liberal antiburocrático não tomou lugar sobre a oposição do movimento ambientalista.



Figura 3: Local piloto de reflorestamento das zonas de APPs do projeto Sorriso Vivo: Fazenda Santa Maria da Amazônia em 2007, à esquerda, e em 2013, à direita (fotomontagem).

Fonte: Fotos de Dubreuil, 2007 e 2013.

### **Mudanças atuais: os jovens e a cidade**

O estudo das condições de vida mostra que Sorriso permanece como o município mais rico, mais bem equipado e melhor servido: quase todas as residências possuem equipamentos básicos de infraestrutura doméstica, como por exemplo: televisão, celular e computador (pelo menos todos sabem o que é internet e *wifi*). Obviamente, a riqueza é desigual e mal distribuída, sendo a disparidade de repartição de renda enorme entre os proprietários e seus empregados. No conjunto, contudo, os salários permanentes das fazendas (que seria provavelmente de outra forma com os sazonais) respondem a melhora na qualidade e condições de vida dos últimos anos.

Toda essa atividade econômica (VANWEY et al., 2013), em meio ao *agrobusiness*, contribuiu para o melhoramento das cidades, as quais se tornaram mais modernas elevando o nível de vida, sendo comparadas frequentemente às cidades no Sul do Brasil. Sinop e Sorriso são hoje cidades mercado, onde



se negocia a compra e venda de produtos agrícolas, mas também, cidades cujas funções terciárias progrediram e onde a maioria da população das comunidades prefere viver. Essas cidades são lugares onde as oportunidades de emprego são numerosas e diversificadas: “tem emprego porque falta de tudo aqui, sobretudo de mão de obra qualificada.”

De fato, mesmo nas fazendas mais longínquas, as populações têm uma relação direta e frequente com a cidade: um terço das pessoas entrevistadas vai à cidade todos os dias; mais de 70% pelo menos uma vez por semana. Em torno de 93% destes tem um veículo ou podem utilizar o veículo da fazenda na qual trabalham; nesse sentido, a melhora se deu por conta de rodovias mais acessíveis. Logicamente, apenas os caseiros e alguns empregados dizem “não gostar das cidades”, permanecendo então várias semanas afastados das mesmas. Retirando esses casos isolados, podemos falar de um modo de vida urbano dominante; a fazenda é apenas um local de trabalho e cada vez menos um local de residência: “há muitos casos de depressão nas fazendas e muitos jovens não querem mais permanecer no campo”.

Para os jovens, as perspectivas na região, e sobretudo nas cidades, são consideradas boas ou muito boas por 93% das pessoas entrevistadas, pelo fato da expansão econômica e a oferta de emprego. Mas quando se pergunta sobre o futuro para os jovens, uma maioria (fraca) acredita que não existe terras para eles. Em realidade, além da ausência de terra para ser desmatada e ou desenvolvida na região, o preço das propriedades se tornou muito caro para a compra, dificultando a instalação dos mais jovens. Somente os grandes grupos ou grandes fazendas podem comprar as parcelas de outras propriedades, o que acelera o processo de concentração fundiária. Para os jovens ativos, a vida sedentária na zona rural causa outros problemas: distância de centros escolares (mais de uma hora de ônibus em alguns casos), falta de lazer e a ausência ou precariedade de postos de saúde na proximidade. A opção de morar na cidade e fazer o trajeto para o trabalho no campo se tornou a mais comum. Esse modo de vida urbano está atrelado também às famílias com números de filhos que raramente ultrapassam dois e deixam a sensação de que as organizações comunitárias tradicionais se estagnam ou desaparecem.



O desenvolvimento das cidades e dos serviços associados (DUBREUIL et al., 2010) pode suscitar um novo bem-estar por uma parte da população, mesmo que as distrações não sejam tão diversificadas. Hospital, clínicas, universidades e centros de formação vieram a completar a gama de serviços, mas são normalmente considerados de qualidade medíocre e, aqueles que podem, buscam cura ou formação em Cuiabá, São Paulo ou Curitiba. Entre as duas cidades (Sorriso e Sinop) distantes menos de 80 quilômetros, uma certa competição pode mesmo existir, no sentido de atrair indústrias ou desenvolver uma plataforma aeroportuária. Nesse ponto de vista, Sinop já detém uma certa vantagem e avanço, considerada uma cidade com mais serviços que Sorriso, e com um futuro promissor. Sinop, mais cosmopolita, é a capital do Nortão e por que não de um estado no futuro? Mas o crescimento da cidade de Sinop é julgado, por alguns, como muito rápido e inseguro; de fato, os condomínios fechados se desenvolvem desde há alguns anos (Figura 4).



Figura 4: Colheita da soja em Sorriso, à esquerda, e a entrada monumental do condomínio fechado em Sinop, à direita. (fotomontagem).

Fonte: Dubreuil, junho de 2014.

## Conclusão

O município de Sorriso é um caso emblemático da evolução em curso no Sudeste da Amazônia e ao oeste da Bahia, regiões onde emerge progressivamente um novo "*soy-belt*", cujo crescimento econômico e a acumulação de riquezas materiais são indiscutíveis. No contexto econômico mais favorável de 2013-2014, ao contrário das entrevistas do DURAMAZ 1,

a impressão geral a partir das entrevistas é de um sentimento de felicidade por parte das populações e uma visão positiva do futuro pelos atores. Os modos de vida, cada vez mais ligados às cidades, convergem com àqueles mais populosos do país, apesar da falta de estrutura crônica. Ademais, a dissociação entre desmatamento e a produção de soja no Mato Grosso (MACEDO et al., 2012) pode mesmo suscitar um certo otimismo sobre a sustentabilidade e a utilização das terras para a adoção de um modelo agrícola mais respeitoso do meio ambiente (GALFORD et al., 2013).

Em contrapartida, é ilusório pensar na generalização do plantio direto como uma resposta a preocupação ambiental. Na verdade, o plantio direto permite primeiramente consolidar o sistema de dupla cultura que contribui e fornece aos produtores uma melhor renda. Esse contexto de agricultura mais intensiva, que se vê mais ecológico ("não precise mais desmatar porque a tecnologia nos permite fazer duas safras na mesma terra") esconde, na verdade, uma pressão maior sobre as águas e uma quantidade importante de problemas ambientais mais insidiosos (menos visíveis que o desmatamento), como a poluição do ar, por meio de conexões complexas e difíceis de se estabelecer, ligadas aos problemas de saúde (BARCELLOS et al., 2010; BELO et al., 2012).

Nesse sentido, o "fechamento da fronteira" da soja na Amazônia matogrossense não deve ocultar um efeito dominó provocado pelo anseio (mesmo que mais lento) do avanço da pecuária ao norte, bem como a existência de numerosas compras de terras por sojicultores no Pará (OLIVEIRA et al., 2013; RICHARDS et al., 2014). Por fim, o modelo agrícola da soja brasileira, exportado para o Paraguai e a Bolívia, ganha agora outros países, como a África austral (CLEMENTS; FERNANDES, 2013), também com investimentos do capital Matogrossense. O sucesso inegável das políticas públicas recentes e de numerosas iniciativas locais (privadas, ONGs, etc.) para conter o desmatamento na Amazônia podem dissimular as mudanças do uso da terra indiretas em outras regiões, como as savanas, o que leva a um potencial "ilusão de conservação" em escala mundial (LAPOLA et al., 2014). Desse modo, o exemplo de Sorriso mostra claramente a necessidade de combinar indicadores locais e globais no entendimento da sustentabilidade.

<b>Sorriso Vivo</b>		
<i>Área</i>		
<b>Região</b>	Norte do estado de Mato Grosso, área de influência da estrada BR-163.	
<b>Estatuto legal</b>	Fazendas especializadas na produção de soja.	
<b>Vegetação</b>	Cerrado / floresta mesófila.	
<b>Acesso</b>	Estrada.	
<b>Comunidade estudada</b>	Fazendas associadas à associação “clube dos amigos da terra”.	
<b>Atividades econômicas principais</b>	Produção agrícola mecanizada (soja).	
<b>Aposta de sustentabilidade</b>	Preservação e restauração das áreas de proteção permanente.	
<b>Equipe de campo</b>	Vincent Dubreuil, Nathan Debortoli, Q’enty Delgado, Mathilde Borowiack.	
<i>Características do sítio</i>		
	<b>DURAMAZ 1</b>	<b>DURAMAZ 2</b>
Área desmatada	71.1 %	71.2 %
Moradias pesquisadas	30	54
Número médio de filho por família	2.2	1.8
<i>Condições de vida</i>		
Acesso à rede elétrica 24hs	100 %	100 %
Acesso à água encanada/tratada	50 %	50 %
Custo médio para ir à cidade (R\$ ida e volta)	-	50
<i>Renda e nível de vida</i>		
Renda média (salários mínimos)	16.2	16
Pessoas com meio de transporte motorizado	85.7 %	96.3 %
Pessoas com telefone celular	73.3 %	100 %
<i>Modo de vida</i>		
Pessoas que costumam caçar	40 %	11.1 %
Pessoas que costumam pescar	73.3 %	48.1 %

Tabela 1: Síntese dos indicadores para o sítio Sorriso Vivo.

Fonte: Projeto DURAMAZ, 2015.